



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 18/08/2017

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Alza en los precios de la hacienda .....	2
Estados Unidos envía auditoría a Brasil.....	2
Inspección sanitaria de CHINA se está llevando adelante.....	2
Ministro Maggi eliminarán saponina de la vacuna contra la aftosa.....	2
Instrumentación contratación temporaria de 300 veterinarios.....	3
Publican norma sobre innovaciones tecnológicas en productos a base de carne.....	3
Carne Kosher nuevos requisitos amplían posibilidades a Brasil.....	3
Amazonas declaración nacional como zona libre de aftosa .....	4
Ganadería brasileña: salidas a la crisis.....	4
BNDES JBS representó 38% de su cartera en el sector de carnes entre 2005 y 2016 .....	6
<b>URUGUAY</b> .....	<b>6</b>
Se concretan pocos negocios por ganado gordo El precio techo se ubica en los US\$ 3,10 por kilo para el novillo especial.....	6
La carne importada comienza a incidir en precios de plaza local.....	7
Corrales de engorde con poco incentivo para crecer Reposición cara y baja en precio del gordo limitan negocio .....	7
Los corrales de engorde pierden su atractivo .....	8
Confirman otra misión sanitaria de Japón Todavía no hay fecha .....	8
Misión china visitó Uruguay camino a la certificación de carne vacuna .....	9
Uruguay siempre respetó el bienestar animal, dice el MGAP.....	9
Algunas cuadrillas podrían anticipar su partida.....	10
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>10</b>
El 61,8 % de la carne va a CHILE y RUSIA .....	10
Mejora de precios impulsa aumento de 15% en las exportaciones de carne vacuna en Paraguay.....	10
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>10</b>
REINO UNIDO: instalarán cámaras en todos los establecimientos faenadores.....	10
HOLANDA inspecciona la carne de pollo por presencia de fipronil .....	12
REINO UNIDO: abre mercado filipino .....	13
BREXIT: entidad agropecuaria cuestiona posible acuerdo aduanero con IRLANDA .....	13
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>13</b>
NAFTA: entidades agropecuarios apoyan su actualización.....	13
USMEF: apuestan a mantener el libre acceso de las carnes dentro del NAFTA .....	14
Acciones para recuperar terreno en el Mercado chino .....	14
<b>VARIOS</b> .....	<b>15</b>
JAPON: precios de carne suben por incremento del arancel .....	15
AUSTRALIA – carne porcina y pollo compensan la menor oferta de carne bovina.....	15
NUEVA ZELANDA: crece su rodeo vacuno un 3 por ciento .....	16
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>16</b>
Paraguay Frigorífico podría exportar hamburguesas desde fin de año .....	16
JBS carrera por recaudar tras el escándalo político .....	16
BRF lanza una nueva marca .....	17
JBS BNDESPar accionará contra los hermanos Batista.....	17
Frigoríficos brasileños con resultados económicos negativos en el segundo trimestre del año .....	17
Marfrig apuesta por mejora en Brasil y reabre tres plantas .....	20
JBS pronostica incremento en el mercado estadounidense hasta 2020 .....	20
Marfrig admitió haber pagado para la liberación de un préstamo .....	20



## **BRASIL**

### **Alza en los precios de la hacienda**

Sexta-feira, 18 de agosto de 2017 Mercado do boi em recuperação.

Os atuais patamares de preços indicam uma conjuntura bem mais favorável ao pecuarista do que a imaginada após o episódio da delação dos irmãos Batista.

O encurtamento na oferta, após um período de venda mais concentrada no fim do período de safra, vem garantindo a recomposição de preços do boi gordo.

A redução das escalas de abate em agosto, frente à observada nos últimos meses, é notória.

Em São Paulo, existem frigoríficos que trabalham com apenas um dia de compras à frente.

Os preços na praça paulista tiveram reajuste positivo neste fechamento, com a arroba do boi gordo cotada em R\$133,50, à vista, já descontado o Funrural. Ainda existem indústrias que oferecem valores acima da referência.

O movimento de recuperação nas referências deve manter o fôlego em curto prazo.

### **Estados Unidos envía auditoría a Brasil**

Fonte: Estadão.15/08/17 - por Equipe BeefPoint Martelo batido. Comissão de veterinários americanos vem ao Brasil no fim do mês, mas, antes de sair em inspeções fará reunião com Blairo Maggi, em Brasília, para definir os locais a visitar.

E leva de volta aos EUA sua avaliação sobre retomar, ou não, a importação da carne brasileira.

### **Inspección sanitaria de CHINA se está llevando adelante**

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint.15/08/17 - por Equipe BeefPoint

A partir desta segunda-feira (14) e até o próximo dia 21, quatro inspetores do serviço sanitário chinês realizam auditorias técnicas no país.

Os estados que fazem parte do roteiro das auditorias e as plantas frigoríficas a serem inspecionadas serão definidos em reunião inicial com representantes do Brasil, marcada para esta terça-feira (15), no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Estão previstas inspeções em plantas industriais, além de fiscalizações no Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro) de Pedro Leopoldo (MG) e na unidade do Sistema de Vigilância Agropecuária (Vigiagro) do Porto de Santos (SP).

A missão tem como objetivo verificação de conformidade (atendimento às normas do acordo sanitário firmado com aquele país) do serviço veterinário oficial brasileiro. As missões de rotina foram intensificadas em função da Operação Carne Fraca.

Segundo dados do Sistema Agroestat do Mapa, de janeiro a junho deste ano, foram embarcados US\$ 834,8 milhões de carnes para o mercado chinês. No mesmo período de 2016, as exportações somaram US\$ 890,3 milhões. A carne bovina foi a única que teve aumento na receita cambial na comparação semestral, passando de US\$ 362,7 milhões para US\$ 400,2 milhões.

### **Ministro Maggi eliminarán saponina de la vacuna contra la aftosa**

14/08/17 - por Equipe BeefPoint A saponina deverá deixar de ser um dos componentes da vacina contra a febre aftosa, informou o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, nesta sexta-feira (11), em Lucas do Rio Verde (MT).

Essa é uma das medidas a serem adotadas para evitar a formação de abscessos após vacinação dos animais. Segundo ele, as doses também serão reduzidas de 5ml para 2,5ml.

A discussão sobre a retirada da saponina se intensificou após o fechamento do mercado norte-americano à importação de carne de gado in natura, em razão da existência de abscessos, além de pedaços de osso encontrados na parte dianteira dos animais.

“Não é uma questão de saúde humana, mas de apresentação. O Brasil é livre de aftosa com vacinação, o que significa que não podemos exportar para um país livre sem vacinação qualquer tipo de carne com osso”. Trata-se de medida preventiva, já que na hipótese de ocorrência da doença, o vírus poderia resistir nos ossos por meses.

Maggi disse que está “tudo sendo arrumado para voltar em breve ao mercado dos Estados Unidos” e que houve convite para uma inspeção veterinária de técnicos norte-americanos ao país, o que deverá acontecer até o fim deste mês.

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint.



### **Instrumentación contratación temporaria de 300 veterinarios**

14/08/17 - por Equipe BeefPoint A Escola de Administração Fazendária (Esaf) publicou nesta sexta-feira (11) edital do processo seletivo público simplificado para a contratação temporária de 300 veterinários pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Os profissionais vão trabalhar na inspeção nas linhas pré e pós morte (antes e depois do abate) dos frigoríficos e serão admitidos pelo período de um ano, com a possibilidade de prorrogação por mais um ano. O salário será de R\$ 6.710,58. Do total de vagas, 20% serão reservadas para pessoas negras.

As inscrições podem ser feitas no site [www.esaf.fazenda.gov.br](http://www.esaf.fazenda.gov.br) a partir do dia 14 (segunda-feira) até 20 de agosto. A taxa é de R\$ 100.

Os candidatos devem ter diploma de curso de nível superior em medicina veterinária e registro ativo nos conselhos regionais ou federal de medicina veterinária. A jornada de trabalho será de 40 horas semanais.

A prova objetiva, composta de 40 questões, será aplicada no dia 17 de setembro. Também serão avaliados a experiência dos candidatos e seus títulos. As questões objetivas serão aplicadas em Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Goiânia, Manaus, Palmas, Porto Alegre, Porto Velho, Recife, Rio Branco, Salvador, São Luís, São Paulo e Teresina. O resultado da seleção será divulgado em 6 de novembro.

### **Publican norma sobre innovaciones tecnológicas en productos a base de carne**

16/08/17 - por Equipe BeefPoint Para acompanhar a evolução dos processos de produção dos produtos de origem animal, o Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), editou a Instrução Normativa nº 30.

A IN, que trata de inovações tecnológicas, publicada nesta terça-feira (15), no Diário Oficial da União, define critérios para análise de proposta, avaliação, validação e implementação de inovações empregadas em qualquer etapa de fabricação de produtos de origem animal. Os processos deverão obter um termo de Não Objeção do ministério, caso haja adequação às regras de segurança alimentar.

São consideradas inovações: a mudança de maquinários das empresas, novos procedimentos de fabricação, inclusão de substâncias novas (aditivos, conservantes e outros), métodos de mitigação de microorganismos nocivos à saúde (patógenos) não utilizados atualmente ou que transformem significativamente o produto final.

Ao adotar novos métodos, as empresas devem submeter ao Mapa, o pedido de aceitação dos processos. Para conceder ou não o certificado, o ministério irá fiscalizar adequação aos requisitos de inocuidade, identidade e qualidade dos alimentos, podendo acompanhar o seu desenvolvimento e suspendê-lo, caso não atenda aos requisitos previstos.

Em 2016, a Divisão de Avaliação de Inovações Tecnológicas (DITEC) foi criada, no ministério, para avaliar os requerimentos de utilização de inovações tecnológicas quanto à sua adequação aos requisitos de inocuidade, identidade e qualidade dos produtos de origem animal.

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **Carne Kosher nuevos requisitos amplían posibilidades a Brasil**

Fonte: Portal DBO15 de agosto de 2017 - Com foco em bem-estar animal, abate religioso pode ajudar país a colocar maior valor agregado na carne exportada

Principal mercado de carne bovina procedente de abate Kosher do mundo, o governo de Israel notificou recentemente os frigoríficos sobre uma série de novas normativas que passam a valer a partir de julho de 2018. A mais importante delas é que o país só importará carne de frigoríficos que utilizarem uma caixa rotativa de contenção para minimizar o estresse durante o abate. Hoje, os animais ficam no chão e necessitam de alguém para segurá-los.

Segundo o consultor especializado em abate Kosher, Felipe Kleiman, cada caixa custa em torno de R\$ 400.000, além dos gastos com instalação e treinamento. Como o procedimento deve reduzir a velocidade de abate, o especialista diz que uma boa estratégia para os frigoríficos seria trabalhar com duas caixas na mesma operação, o que dobraria os custos, mas agilizaria a operação.

“Sem dúvida, não é um investimento barato. No entanto, essas adequações podem ser uma grande oportunidade para o Brasil ampliar suas exportações e alcançar uma fatia maior do mercado mundial de carne Kosher”, destacou Kleiman. “E também podem colocar mais valor agregado ao produto, já que se prioriza o bem-estar animal”, acrescentou.

Mercado - Um dos aspectos mais atrativos do mercado israelense é o preço. No ano passado o Brasil arrecadou US\$ 70 milhões com a exportação de 14.000 t de carne bovina para Israel. O preço médio da tonelada foi de US\$ 5.000, 23,8% maior do que os US\$ 4.038 da média geral por tonelada das exportações totais de carne bovina in natura do País no ano passado.



Kleiman ainda acredita que é possível ampliar o volume embarcado para Israel para 20.000 ou 22.000 t. “O Brasil já chegou a exportar mais de 34.000 t de carne para Israel em 2008, mas acabou perdendo espaço para os demais países do Mercosul”.

Atualmente, Israel importa cerca de 68.000 t de carne bovina oriunda de abates Kosher, sendo que 80% desse total provém da América do Sul. Os principais fornecedores são Argentina e Uruguai. Além deles, a Polônia surge como outro importante player, principalmente, devido à proximidade com Israel.

Outro importante mercado global de carne Kosher são os EUA, que entre produção doméstica e importação, consome mais de 60.000 t de carne por ano. Como a produção local não é suficiente para atender à demanda, os americanos importam carne Kosher de países como México e Uruguai.

Além deles, o especialista destaca a União Europeia como um mercado em ascensão. De acordo com ele, diversos países da região têm proibido os frigoríficos locais de realizar abates religiosos, e como a população judia do bloco é grande, a solução será importar carne de outros países.

Abate Kosher - O abate Kosher é um procedimento religioso que visa atender aos mercados judaicos, principalmente Israel. É usada uma faca específica (chalaf) que causa sangria e a morte imediata sem causar dor ao animal. Após isso, os órgãos internos são inspecionados por um rabino para detectar anomalias fisiológicas que classifiquem a carne como imprópria para consumo.

Caso não seja encontrada nenhuma anomalia como nódulos, abscessos, é feita a submersão e salga da carcaça, visando extrair o máximo de sangue da carne. Por fim, é feita a desossa dos cortes e a carne recebe o selo que atesta os padrões estabelecidos pela Torá.

Atualmente, a exportação Kosher consiste principalmente de cortes do dianteiro. Para que os cortes de traseiro possam ser consumidos pelos judeus, é necessário que seja retirado o nervo ciático do animal, o que não é feito rotineiramente. Também são removidos algumas veias e sebos.

#### **Amazonas declaración nacional como zona libre de aftosa**

17/08/17 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) concedeu ao Amazonas o status de área livre de febre aftosa com vacinação. O anúncio foi feito nesta quarta-feira, 16, na sede do Governo pelo diretor do Departamento de Saúde Animal do Mapa, Guilherme Marques. O reconhecimento abre mercado para exportação do gado e produtos de origem animal do Amazonas para outros estados brasileiros.

Com o reconhecimento de área livre de febre aftosa com vacinação no território nacional o Amazonas segue agora para conquistar um novo pleito, agora com reconhecimento internacional da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE).

“Não temos dúvida de que nós já erradicamos a febre aftosa neste Estado. Agora precisamos melhorar alguns pontos para que possamos encaminhar o pleito a Organização Mundial de Saúde Animal e sermos reconhecido livre de febre aftosa com vacinação do ponto de vista internacional”, destacou Guilherme.

Fonte: Amazonas Notícias, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

#### **Ganadería brasileña: salidas a la crisis**

Fonte: Cepea. 18/08/17 - por Equipe BeefPoint A pecuária bovina de corte registrou significativa evolução no decorrer dos 30 anos em que o Cepea realiza pesquisa aplicada nesse setor. No início, como o País vivia o ambiente de “hiperinflação”, decorrente do descontrole fiscal e monetário, os agentes econômicos buscavam ativos para usar como reserva para suas economias. No meio agro, o boi e suas categorias – bezerro, garrote, boi magro etc. – eram os preferidos, ao lado do café.

Com a estabilidade econômica, os produtores passaram a se profissionalizar na atividade e tratar a produção de boi como investimento, que demanda planejamento refinado. O segmento industrial também iniciou uma nova fase nessa época.

A compreensão do sistema pecuário pelo Cepea decorre da interação com todos os elos da cadeia produtiva, bem como de sua inserção no ambiente internacional. Entretanto, deve-se analisar dois elos fundamentais: dentro da porteira e indústria processadora.

Durante muitas décadas, a pecuária cedeu suas terras mais férteis e com melhor infraestrutura às atividades agrícolas, cujo valor gerado por unidade de área era maior. A cria foi vista, injustamente, como a grande culpada pelo desmatamento de áreas. Porém, a nova consciência e a força dos mercados externos em especial – muito mais que mudanças de postura de governos e governantes – reverteu essa visão.

Com isso, ocorre o “surto” modernizador da cria. Em 2003, pesquisas do Cepea, em parceria com a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), mostravam que eram necessários cerca de 250 hectares para manter 100 vacas. Essas vacas geravam 45 bezerros, cada um com 170 kg de peso vivo. Em 2016, por outro lado, 100 vacas ocupavam 140 ha e produziam 65 bezerros de 200 kg. Apesar de estar muito longe de atingir seu máximo, a produtividade/ha cresceu 283% e por vaca, 172%, devido a um enorme investimento do produtor para atingir esse resultado.



Há, ainda, a recria e a engorda. Em 2010, segundo dados do Indea/MT, menos de 5% dos animais abatidos tinham menos de dois anos, e mais de 55%, acima de três anos. Hoje, cerca de 15% têm menos de dois anos e 25%, mais de três anos. Combinando isso com dados do Cepea de peso ao abate, tem-se que eram animais de 16,5 arrobas em 2010 – hoje, têm 17,4 arrobas. Os dados mostram que a produtividade por área e por animal cresceu significativamente, mas ainda existe espaço para ganhos. A combinação disso tudo explica porque produzir boi no Brasil atrai tantos investidores mundo afora.

O nascimento da indústria brasileira da carne bovina se deu pelos peronistas na Argentina, que enxergaram no Brasil uma ótima fonte de carne e possibilidades de bons negócios. Dessa forma, Armour, Anglo, Swift e Wilson se instalaram no País e trouxeram consigo os conceitos sanitários internacionais, que foram adotados pelo governo brasileiro.

Entretanto, empresas internacionais saíram do Brasil devido à autossuficiência europeia e à melhoria da produtividade da Austrália no final da década de 1960. Neste período, o cenário da pecuária brasileira era de empresas mal organizadas, mercado clandestino e ingerência do governo, ora tabelando os preços da carne ora fazendo estoques reguladores e, ainda, por vezes, suspendendo as exportações.

Apenas em 1994, com a estabilidade da economia, nasce a nova indústria da carne. No período, empresas acostumadas com os ganhos financeiros decorrentes da inflação fecharam as portas. O capital internacional começou a observar que estava aí um outro bom setor para receber investimentos.

Desse novo ciclo nasceram empresas com várias plantas e começaram as organizações de mesas de operação para racionalizar as compras e a gestão dos riscos de preços. Enfim, a indústria da carne cresceu, se profissionalizou e apareceu.

No entanto, em 2008, o governo passa a intervir de forma mais direta na oferta de capital das empresas. A formação dos “campeões nacionais” criou uma nova estrutura industrial para a carne. Em 2005, o País contava com sete grupos que abatiam mais de 3 mil animais por dia e, em conjunto, respondiam por cerca de 25% do total do abate com fiscalização sanitária federal do País. Em 2016, restaram três grupos, com cerca de 50% da capacidade de abate.

O maior risco que a atividade pecuária tem hoje é de retrocesso dentro da porteira. Os ganhos de produtividade foram obtidos em anos, com enormes dificuldades, e cortes de investimentos podem desestruturar todo o sistema. No verão de 2013/2014, devido às altas temperaturas e à falta de chuvas no Centro-Sul do Brasil, as carcaças colocadas no mercado em 2014 estavam mais leves. No Brasil, as vacas parem preferencialmente no “início das águas”, pois aproveitam a recuperação das pastagens. A seca afetou a qualidade e a quantidade de bezerros que entrariam no mercado em 2014, mantendo os preços elevados. Como essas vacas não se recuperaram do parto, também tiveram taxa de “prenhez” menor, com baixa oferta de bezerros em 2015 e de boi em 2016.

O esperado para 2017 era a retomada da oferta dentro da normalidade e a maturação dos investimentos e retenções de fêmeas. Entretanto, o inesperado ficou por conta de uma sequência de fatos externos ao setor. Primeiro, um caso de corrupção da fiscalização sanitária abala a credibilidade deste serviço, gerando prejuízos tanto no mercado interno quanto no externo. Depois veio a “questão JBS/ Temer”, que fez com que a maior indústria reduzisse drasticamente os abates. O excesso de oferta faz o preço da arroba cair bastante e, por outro lado, a falta de alternativas à carne brasileira eleva as cotações internacionais da carne bovina. Como sair dessa situação? A desestruturação da cadeia da carne bovina leva consigo todo o setor de proteína animal.

O processo de saída para a crise atual será lento, mas decisões erradas podem causar um desequilíbrio enorme no setor e “jogar” a pecuária num atraso de 10 anos. Mais da metade do abate de bovinos sob fiscalização federal está distribuída em pequenas e médias empresas, que podem representar uma saída para vários problemas causados por decisões erradas do passado. Colocar plantas fechadas em funcionamento é interessante, mas é preciso saber como irão distribuir a carne.

A abertura de mercados não é feita do dia para noite. Para iniciar um novo ciclo de investimentos no setor industrial é preciso passar por um processo de conquista da confiança perdida, com transparência e referências de sustentabilidade econômica, produtiva, socioambiental dessas empresas. Também seria interessante criar horizontes de seguro de preços mais longos usando o mercado futuro. Atrair fundos de investimento nacionais e internacionais para o mercado futuro de boi é uma forma de oferecer ao investidor de dentro da porteira mais visão de futuro para seus investimentos. O setor público pode auxiliar muito se investir no sistema de defesa sanitária, mas repensar na estrutura, oferecendo mais autonomia, com decisões técnicas e totalmente despolitizadas.

A pecuária bovina é um dos grandes pilares econômicos do Brasil, empregando mais de 1,5 milhão de pessoas dentro da porteira. Oferece carne de qualidade a preços acessíveis para um País de 207 milhões de habitantes e gera excedentes exportáveis que chegam a mais de 170 países. Enfim, a pecuária bovina de corte demanda profissionalismo e inteligência na solução de seus problemas.



## **BNDES JBS representó 38% de su cartera en el sector de carnes entre 2005 y 2016**

17/08/17 - por Equipe BeefPoint Alvo de investigações da Polícia Federal e do Tribunal de Contas da União, o BNDES apresentou nesta terça-feira seu "Livro verde: nossa história como ela é", uma compilação de dados e explicações sobre a atuação do banco, com foco no período de 2001 a 2016.

A versão preliminar do livro mostra que a JBS abocanhou a maior fatia do apoio financeiro do banco ao setor de carnes. Dos R\$ 31,2 bilhões desembolsados pelo BNDES para os frigoríficos entre os anos 2005 e 2016, a empresa ficou com 38% do total, considerando também o Bertin, que se fundiu à JBS. O grupo BRF ficou com 16%, seguido pela Marfrig/Seara, com 14%. A Seara foi comprada pela JBS do Marfrig em 2013.

Os R\$ 31,2 bilhões consideram duas modalidades de apoio do banco. Via financiamentos foram R\$ 18,8 bilhões. Os R\$ 12,4 bilhões restantes são de operações de mercados de capitais, por meio da BNDESPar, braço de participações da instituição.

Somados, JBS e Bertin receberam R\$ 8,1 bilhões da BNDESPar ou 65% do apoio da subsidiária do banco ao setor de carnes naquele período. Como resultado, as receitas da JBS saltaram de R\$ 4 bilhões em 2005, início do processo de internacionalização da companhia, para R\$ 170 bilhões em 2016.

No livro, o BNDES justifica o apoio à JBS com a estratégia do governo passado de incentivar o setor de Proteína Animal, "com objetivo de consolidar o Brasil como o maior exportador mundial de proteína animal e fazer do complexo carnes o principal setor exportador do agronegócio brasileiro". O banco ressalta ainda que entre 2005 e 2016 foram apoiadas mais de 17 mil unidades produtoras do setor no Brasil e que o resultado líquido das operações com a JBS estava positivo em R\$ 3,5 bilhões no fim de 2016.

Ele ressaltou que o apoio do banco ao Bertin foi anterior à fusão da empresa com a JBS e que, por isso, "o apoio (aos grupos frigoríficos) foi bem equilibrado".

Fonte: O Globo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

## **URUGUAY**

### **Se concretan pocos negocios por ganado gordo El precio techo se ubica en los US\$ 3,10 por kilo para el novillo especial**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Agosto 18, 2017

La baja de valores se profundiza para el novillo y la vaca. El mercado del ganado gordo cierra la semana trancado, con muy pocas operaciones. La demanda continúa floja y la oferta pretende mejores valores.

La industria no muestra interés de compra. Muchas plantas no están pasando precios, señalaron consignatarios consultados. Los escasos negocios concretados esta semana lograron un precio máximo de US\$ 3,10 por kilo de carcasa para novillos gordos especiales. A la vez, las entradas de ganado a plantas industriales superan los 15 días.

La planilla de Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) ajustó a la baja el precio para el gordo y promedió en US\$ 3,15/kg para la semana cerrada al 12 de agosto, una baja de nueve centavos respecto una semana atrás.

Para vacas la baja no ha sido tan drástica y las referencias se mantienen entre US\$ 2,80 y US\$ 2,90 por kilo de carcasa. La grilla de consignatarios disminuyó en siete centavos respecto una semana atrás y promedió US\$ 2,93 por kilo para vacas pesadas.

La oferta tampoco muestra interés de venta, ayudado por buenas condiciones climáticas que le permiten – en muchos casos– retener los animales y aumentar en kilos, aunque se pierda en precio. Los productores están expectantes sobre qué posición tomará la industria en las próximas semanas. La llegada de cuadrillas Kosher sobre finales de agosto se espera que pueda dar algo de dinamismo al mercado, aunque no que tenga gran incidencia sobre los valores.

En la medida que vayan pasando los días, comenzará a aparecer mayor volumen de ganado especial terminado, que será otro factor a tener en cuenta. Por ahora, con un faena semanal que volvió a ubicarse arriba de las 40.000 cabezas, los intermediarios aluden un alto porcentaje proveniente de corrales y convenios.

Después de tres semanas de suba consecutiva, volvió a bajar el precio promedio de exportación para carne vacuna. Promedió US\$ 3.323 por tonelada. Estuvo 6% por debajo a los US\$ 3.536 de una semana atrás, pero 8% por encima respecto igual período pero del año 2016 cuando promedió US\$ 3.089 por tonelada. El valor promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue de US\$ 3.383.

Faena semanal encima de 40.000 cabezas

Al 12 de agosto los animales faenados totalizaron 40.391. Estuvo 11% por encima a los 36.229 animales faenados de la semana anterior, pero 8% por debajo de las 44.075 cabezas de un año atrás.

El total de novillos faenados fue 20.726, 20% más que las 17.186 reses de la semana pasada, pero 10% menos que los 22.997 animales enviados a planta de igual período un año atrás. La faena de novillos superó a la de vacas, representó un 51% mientras que los vientres significaron un 47%.



Por tercer semana consecutiva aumentó la faena de vacas, sumaron un total de 19.016, 2% más que los 18.556 vientres faenados de la semana previa, pero 6% menos que un año atrás cuando se faenaron 20.267 cabezas.

### **La carne importada comienza a incidir en precios de plaza local**

Agosto 17, 2017 Una caída del valor de las haciendas también influyó en ajuste a la baja

La baja en el precio de las haciendas gordas y la incidencia de la carne importada de países de la región determinaron que este martes se concretara una baja en el precio de los cortes con hueso de la carne vacuna de entre \$ 3 y \$ 4 por kilo, informaron a El Observador fuentes del abasto que suministran el producto a carnicerías y supermercados.

El ajuste a la baja, que no incluye al asado, se produce luego que el 27 de julio pasado se registró la cuarta suba de la carne en un plazo de 45 días debido al incremento sostenido en la cotización del ganado gordo a faena.

Sobre fines de julio y primeros días de agosto, comenzó a operar un freno de la industria frigorífica, lo que llevó a que se iniciara un paulatino descenso en las cotizaciones de las haciendas. A su vez, comenzó a tener una mayor incidencia la carne sin hueso importada desde Brasil y Paraguay, con valores de hasta \$ 10 menos por kilo que la oferta de la industria uruguaya.

Mercado de haciendas

Pero el mercado de los mejores novillos para la faena cayó en 15 días 4,5%, al pasar de un promedio de US\$ 3,28 el kilo en la cuarta balanza de los frigoríficos a US\$ 3,13, el valor informado el lunes pasado en la reunión de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG).

De la misma manera que la exportación de ganado en pie actúa como testigo en el mercado interno de vacunos gordos, la importación de carne regula el mercado local de comercio de este producto cuando su precio se eleva en forma excesiva.

El tema es visto por la industria frigorífica con cautela, si bien algunos empresarios observan el ingreso de carne como una realidad propia del libre mercado, cuya incidencia es relativa en volumen. Es que representa una media de 75 toneladas mensuales frente a un consumo de Uruguay que anualmente supera las 180 mil toneladas.

Sin embargo, comienza a visualizarse una oportunidad en el negocio de la carne importada, porque permitiría a los frigoríficos locales manejar mayores volúmenes para la exportación, de una carne uruguaya que es más valiosa en los mercados externos, destacó una fuente industrial.

Los frigoríficos que bajaron los precios fueron Las Piedras, La Trinidad y la empresa de abasto Santa Clara, informó a El Observador el presidente de la Unión de Vendedores de Carne (UCV), Hebert Falero. Explicó que la semana que viene el resto de las plantas se alineará con esta baja de precios y los carniceros diseñarán su estrategia. Algunos de ellos, en la suba anterior de la carne, no la trasladaron al público, por lo cual ahora no modificarán sus precios, adelantó Falero.

Siguió subiendo el Novillo Tipo INAC

El valor del Novillo Tipo del mes de julio pasado que publica el Instituto Nacional de la Carne (INAC) se ubicó en US\$ 1.108, un 3,1% superior a junio, en tanto que representa el valor más alto desde octubre pasado. El ajuste de ese valor en el Novillo Tipo se explica por un incremento en el valor de los cortes de exportación, en la canal al mercado interno y en el valor de las menudencias y subproductos, todos ellos medidos en dólares corrientes.

### **Corrales de engorde con poco incentivo para crecer Reposición cara y baja en precio del gordo limitan negocio**

14/08/2017 El presidente de la Asociación Uruguaya de Producción de Carne Intensiva Natural (Aupcin), Álvaro Ferrés, afirmó que Uruguay creció en sus exportaciones de carne bovina a la Unión Europea en el marco de la cuota 481, pero estimó que la cantidad de ganado encerrado en los corrales de engorde (o feedlot), “ha sido menor que el año pasado”.

El crecimiento está justificado porque todo el ganado que se encierra en los feedlots tienen por destino la cuota de alta calidad para carne bovina con la Unión Europea, que exige que los animales sean menores de 26 meses, terminados a granos durante los últimos 100 días previos a la faena, pero en el caso de Uruguay hacen todo el resto del ciclo sobre pasturas.

Las especulaciones de posibles pérdidas de esta cuota para terceros abastecedores, debido a las presiones de los productores de Estados Unidos —porque nació en el litigio de la carne con hormonas entre EE.UU. y la UE y luego abrió para terceros abastecedores— van quedando atrás.

Ferrés dijo a El País que la incertidumbre, para adelante está centrada “en cómo se comporta este cupo” y consideró que ahí, “es de alguna manera, donde le falta previsibilidad al negocio, provocando que los productores encierren menos animales”. A esa incertidumbre hay que sumarle que el precio de ganado que se ofrece para adelante “no es atractivo porque es menor y eso impulsa a la gente a que encierre menos ganado en sus corrales”.



Hasta ahora, Uruguay viene aprovechando al máximo la cuota 481 y continúa creciendo, con exportaciones anuales cercanas a las 13.000 toneladas.

En el marco de esta cuota van más cortes que dentro del cupo Hilton, el otro cupo otorgado por la Unión Europea, para bovinos jóvenes, pero siempre terminados en base a pasturas.

Competitividad. El titular de Aupcin consideró que Uruguay tiene que “empezar a ver cómo hace para ser más competitivo, para que los sistemas ganaderos intensivos empiecen a tener su lugar y son los que van a generar que haya un aumento en la faena”.

Si no se da ese paso, desde la óptica de Ferrés, “resultará difícil que se incremente la faena de bovinos y se verá favorecida la exportación de ganado en pie, porque, lamentablemente, producir más en este país está saliendo muy caro y el precio de venta del ganado gordo se mantiene en niveles poco atractivos”. Todo eso hace que el productor “no apueste a invertir en producir más y creo que intenta salir de los terneros o buscar otras alternativas”.

La exportación de bovinos en pie continúa firme y desde el MGAP se estima que 2017 cerrará con la colocación de un volumen muy similar al del año pasado, cuando se superaron las 200.000 cabezas bovinas.

Perspectivas. En este segundo semestre, desde Aupcin se indica que las perspectivas de encierre de ganado para engorde en sus corrales es menor o igual a la del primer semestre, donde ya se encerraron menos animales. “Este año se encerró menos ganado que en 2016 y creo que para adelante será igual, motivado por un valor del ganado gordo a la baja y una reposición que es cara. Con esa realidad la gente no se motiva para encerrar ganado”, afirmó el presidente de Aupcin.

### **Los corrales de engorde pierden su atractivo**

Agosto 18, 2017 La situación se origina en variables internas del negocio ganadero

Con los actuales precios del ganado gordo la intensificación en los sistemas de engorde empieza a cuestionarse, destacó a El Observador Agropecuario el presidente de la Asociación Uruguaya de Carne Intensiva Natural (Aupcin), Álvaro Ferrés, quien agregó que se estima que este año se encerrará menos ganado que en 2016.

Esta situación se da a pesar de que en el ejercicio anterior Uruguay creció un 30% con relación al período anterior en la cuota 481 de Europa, al superar los envíos por más de 16 mil toneladas.

El dirigente afirmó que si la venta de un producto que tiene un costo agregado no se justifica por el precio que recibe, es claro que deja de estimular a la intensificación en la ganadería, mientras que por otro lado se fortalece la exportación de ganado en pie.

Por otra parte, el cupo que asignó la Unión Europea (UE) para el primer trimestre (julio, agosto y setiembre) de este nuevo ejercicio 2017/2018, se completó a mitad del período, anticipó el directivo.

Se trata del cupo que habilita la UE para todos sus países proveedores. Esto quiere decir que agosto y setiembre serán meses difíciles para entrar con carne de cuota a la UE, estimó Ferrés.

#### **Factores de pérdidas**

Ante una pregunta el directivo de Aupcin sostuvo que últimamente el negocio de los corrales para la cuota 481 perdió las dos características que son fundamentales, como la previsibilidad y el precio.

Esta es una variante que afecta porque si los corrales tienen los novillos prontos para faenar, pero si no hay cupo para ingresar a la UE hay que mantenerlos en el corral y eso significa tener un sobre costo, lo que se extiende hasta que el frigorífico tenga una oportunidad de cupo y la planta industrial lo faene.

También se ha visto afectado el precio porque si el frigorífico ha perdido la oportunidad de colocar su oferta de carne cuando quiere, lógicamente el que compra tiene mejor poder negociador, dijo el productor.

#### **Busqueda de alternativas**

Ferrés explicó que hacia adelante los negocios se plantean teniendo conocimiento de ese factor limitante y por ello es que cada vez se buscan más oportunidades alternativas.

Un ejemplo claro es engordar terneros para la exportación de ganado en pie y también para negocios destinados fuera de la cuota mencionada. El dirigente reconoció que este año se habrá de encerrar menos ganado que en 2016, porque el negocio del encierro dejó de ser económicamente atractivo, por razones tan obvias como el precio del ganado gordo que no está en valores altos, mientras que el precio de la reposición sigue siendo elevado.

Por supuesto que hay corrales de engorde que van a seguir, porque un ciclo completo se puede hacer. Sin embargo, los productores que hacen hotelería en los corrales tienen menos ganados encerrados, afirmó el dirigente

### **Confirman otra misión sanitaria de Japón Todavía no hay fecha**

16/08/2017 - La apertura del mercado japonés para la carne bovina uruguaya desosada y madurada está cerca, pero todavía quedan pasos por cumplirse en el marco de un largo análisis de riesgo.

Japón fue un importante mercado para las carnes bovinas uruguayas hasta el 2.000, cuando surgió el foco de aftosa en Artigas luego de varios años de ser un país libre de fiebre aftosa sin vacunación,





reconocido por la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE). Ese status sanitario posibilitaba entrar con carne, incluso con hueso, en selectos mercados, defendiendo más los productos uruguayos.

Como muchos otros, Japón se cerró y hasta hoy sólo permite el ingreso de productos vacunos termo procesados o carne cocida, quedando atrás los años de gloria donde la industria valorizaba algunos músculos del pecho del bovino y cortes apetecidos por el mercado nipón.

En las últimas horas, la Dirección General de Servicios Ganaderos (MGAP), recibió la confirmación de una nueva misión de técnicos japoneses, que aún no tiene fecha y que tiene por cometido, verificar in situ los datos aportados por Uruguay para analizar el riesgo que representaría abrirle el mercado a Uruguay para carne vacuna fresca, desosada y madurada, por ser un país libre de aftosa con vacunación. Japón sólo importa de países libres sin vacuna, como antes lo hacía Corea del Sur.

Tras una reunión de la Comisión de Expertos de los servicios sanitarios japoneses, se decidió el envío de otra misión técnica, que seguramente revisará industrias cárnicas, establecimientos ganaderos, el sistema de certificaciones oficiales del MGAP y otros aspectos que son claves al momento de tomar la decisión de reabrir el mercado.

### **Misión china visitó Uruguay camino a la certificación de carne vacuna**

17 de agosto de 2017 Una misión china visitó Uruguay la semana pasada. Se trata de los primeros pasos que se están dando entre ambos países para avanzar en la certificación de la carne vacuna exportada desde Uruguay hacia el país asiático.

La misión china recorrió diferentes instituciones, como LATU, Dilave, y “quedó muy bien impresionada”, adelantó a Tiempo de Cambio de radio Rural Guillermo Villa, representante de la Federación Rural en la junta directiva de INAC.

Este proceso está en una etapa de reserva, señaló otra fuente de INAC consultada, que no quiso ahondar en detalles.

La certificación de procesos fue uno de los aspectos en los que se avanzó durante la misión oficial que visitó China en mayo de este año, encabezada por el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre, acompañado por una delegación público-privado.

En esa instancia el MGAP y la Administración General de Supervisión de Calidad, Inspección y Cuarentena (AQSIQ) acordaron apoyar la creación de un equipo de trabajo y una asociación estratégica basada en la complementación para fomentar la trazabilidad integrada y mejora de la calidad de la carne uruguaya, según se informó desde el gobierno al regreso del viaje.

En esa instancia Uruguay fue seleccionado por la certificadora CCIC como el mejor país donde instalar capacidades de certificación de calidad en origen para carnes.

### **Uruguay siempre respetó el bienestar animal, dice el MGAP**

16/08/2017 - El servicio veterinario de Israel se mantiene firme en exigir a los frigoríficos de la región, incluidas las plantas que hacen faenas Kósher en Uruguay, la instalación de un nuevo cajón con agarre automático para faenar el ganado, de forma de beneficiar el bienestar animal.

Si bien la industria frigorífica ya estaba enterada, los nuevos requisitos ya fueron enviados esta semana al Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca para que éste informe a las empresas abastecedoras de carne bovina hacia Israel.

“Es una nueva disposición sobre faena ritual” y por lo tanto, “debemos cumplirla para poder seguir exportando carne”, afirmó ayer el director de los Servicios Ganaderos (MGAP), Eduardo Barre.

El jerarca dejó bien en claro que “Uruguay siempre ha cumplido con la normativa de bienestar animal para este tipo de rito” e incluso es centro de referencia regional en bienestar animal reconocido por la Organización Mundial de Sanidad Animal, el organismo que impone las normas sanitarias para el comercio de animales vivos y subproductos de la especie; sus normativas son refrendadas por la Organización Mundial de Comercio (OMC).

Más allá de los costos que tiene la instalación de la nueva tecnología exigida por Israel, presionada por los movimientos defensores de los animales de su país, complican, en muchos casos, las obras que hay que hacer en los frigoríficos para instalar el nuevo cajón.

“Cada empresa evaluará si adopta el nuevo dispositivo que están pidiendo y además, en otros países que también exportan carne a Israel ya lo están utilizando”, explicó el jerarca del MGAP. La exigencia regirá desde el 1° de junio de 2018.

Israel es un mercado importante para los delanteros bovinos del ganado uruguayo y lleva comprados 21.919 toneladas peso canal por US\$ 84.884.000.

Los equipos kósher estarán operando en los frigoríficos uruguayos hasta el próximo 8 de septiembre y luego volverán a fines de octubre y principios de noviembre para retomar la industrialización de bovinos, según confirmó Faxcarne.



### **Algunas cuadrillas podrían anticipar su partida.**

16/08/2017 - Israel, un importador destacado de carne vacuna uruguaya, tiene previsto operar en la región hasta el viernes 8 de septiembre, confirmó Rafael Tardáguila, director de Faxcarne. A fines de octubre y principio de noviembre las cuadrillas retornarán al país.

Más allá de la fecha estipulada, Tardáguila dijo que es posible que algunos equipos puedan anticipar su partida dado que el mercado israelí cuenta con stock cárnico y no hay necesidad de estar hasta el último día de trabajo.

El analista de mercado mencionó que este alto en las operaciones puede tener impacto en el mercado de haciendas gordas, principalmente en la demanda con un contexto donde los precios están a la baja, las plantas compradas y proponen cargas para dos semanas en adelante.

## **PARAGUAY**

### **El 61,8 % de la carne va a CHILE y RUSIA**

12 de Agosto de 2017 Chile y Rusia siguen siendo los principales destinos de la carne paraguaya, con el 61,8% del total exportado al mes de julio, según el informe de "Comercio Exterior" del Banco Central del Paraguay (BCP).

Los datos indican que la exportación realizada a Chile en valores representó US\$ 225,1 millones, lo que implica un incremento de 35,3% con respecto al mismo periodo del año pasado; en tanto que en toneladas los envíos llegaron a 56.000, lo que representa 24,1% más.

En el caso de Rusia, representó US\$ 140,9 millones, lo que revela una caída de 8,9% en el valor con relación al año pasado; mientras que en toneladas alcanzó 47.100, lo que significa 17,9% menos del año anterior. Aún con esta reducción, sigue en el segundo lugar seguido por Brasil y Vietnam.

En cuanto a los precios, los mejores por toneladas de carne exportada se dan en Kuwait, Brasil e Irak, de acuerdo con el informe del BCP.

El sector cárnico incluye, además de los productos bovinos, que son los más importantes (95,1%), los de porcinos, los de aves, despojos comestibles y otros.

La exportación de carne alcanzó en total US\$ 662,5 millones, lo que representa un crecimiento de 0,3% en valores con respecto a mismo periodo del año 2016; mientras que en el volumen llegó a los 166.800 toneladas, que implica una caída del 10,7%. En cuanto a los precios, se presentan mejoras de hasta el 7,8%, de acuerdo al referido informe de la banca matriz.

Las exportaciones totales del país al mes de julio superaron los US\$ 7.009 millones, lo que representa una variación positiva del 5,3% respecto al acumulado en igual lapso del ejercicio anterior, según los datos oficiales.

### **Mejora de precios impulsa aumento de 15% en las exportaciones de carne vacuna en Paraguay**

17 de agosto de 2017 Las exportaciones cárnicas totales de Paraguay aumentaron casi 13% entre enero y julio comparado con igual periodo de 2016, con un acumulado de US\$ 809 millones (incluyendo carne bovina, porcina y aviar). Así se desprende de un informe del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal de Paraguay (Senacsa).

En carne vacuna el aumento en facturación fue de casi el 15% con un total de US\$ 632,4 millones. La mejora en los precios explica básicamente este avance ya que en volumen las exportaciones subieron 1,8% interanual hasta 148.402 toneladas,

Los principales destinos de la carne vacuna paraguaya son Chile y Rusia, con el 61,8% del total exportado en lo que va del año hasta julio, según el informe de "Comercio Exterior" del Banco Central del Paraguay.

Elaborado en base a: La Nación Paraguay

## **UNIÓN EUROPEA**

### **REINO UNIDO: instalarán cámaras en todos los establecimientos faenadores**

The Independent August 13, 2017 It was announced this week that all slaughterhouses in England will have to install CCTV cameras, in a Government move to try to improve animal welfare on UK farms. As a lover of animals, you'd think I would be thrilled at this news. Instead I can't help but continue to wonder why on earth we are killing animals in the first place. It shouldn't be a question of whether or not it's caught on camera.

I went vegan two and a half years ago, much to the shock of my Turkish family who brought me up on kofte (like meatballs), et borek (pastry with meat inside) and homemade kebab. My grandparents grew up in a small village in Cyprus and could rarely afford the luxury of meat. They left the war-torn country for the



UK in the 1950s, worked for years in low paid jobs and began to eat meat dishes. Meat was a luxury – why would I choose to give up a luxury?

Let's start with the obvious argument – animal welfare. These new measures to put cameras in slaughterhouses might mean something if the very process of raising animals to kill them wasn't cruel in and of itself. The Government claims that these cameras will help uphold animal welfare laws. But under these apparently protective laws farm animals are allowed to be overfed until their legs break from carrying their own weight, are kept crammed in sheds barely seeing a shred of natural daylight in their lives, and live knee deep in their own faeces and the remains of animals who have died around them. This all happens before they get to the slaughterhouse, and it's all completely legal.

Then there are the slaughterhouses themselves – animals are lined up and killed one by one, often along a moving conveyor belt. Pigs – animals that can solve puzzles, show emotional responses and are thought to be smarter than dogs and almost as smart as chimps – are often heard screaming as, strung up by their legs, they watch other pigs they have been with since birth get tasered and killed, their bodies sliced in half down the middle, mere centimetres away, before they meet the same death.

Dairy farms are no better: there are some where baby cows are separated from their mothers within 24 hours of being born so humans can consume the milk meant for the calves, and egg farms where male chicks are killed at a day old in gas chambers or thrown into a grinder still conscious. This happens on factory and organic farms. Cameras in slaughterhouses won't have any effect on this. If we as humans can exist without taking another life, why would we choose to do so?

But there are more reasons we should stop consuming animal products that aren't given nearly as much attention as they should be, such as global warming. According to the UN Food and Agriculture organisation, greenhouse gases from producing livestock make up 14.5 per cent of total global greenhouse gas emissions – that's more than all transport combined, including cars, buses, boats – and even planes. According to Nasa, clearing land to raise livestock is one of the leading causes of deforestation – we're literally destroying the earth's lungs and precious ecosystems to raise farmed animals.

Moreover, studies show that the average amount of water needed to produce one pound of beef is 1,799 gallons. This is compared to a pound of soybeans which takes 216 gallons, and a pound of corn which takes 108 gallons. Considering more than 40 per cent of people worldwide are affected by water scarcity, shouldn't we be trying to produce food in the least water intensive ways possible? Instead we're using vast amounts of water and land to grow crops, to then feed to animals to then feed to people. Why don't we just eat the crops?

Water scarcity is not the only human cost of eating animals. Just this week, millions of eggs have been recalled from supermarkets across the globe for fear that they contain the hazardous substance Fipronil. Eating meat puts humans at risk of diseases like swine flu, bird flu and mad cow disease; I've yet to see an outbreak of lentil flu.

Animal farming is contributing to the growth of diseases like E Coli and MRSA and helping them develop further resistance to antibiotics. The NHS has warned against antibiotics used in farm animals, saying that they are a threat to human health.

Then there's also perhaps the most important consideration for those who are complacent about animal welfare – the people whose lives are affected daily by living near or working on an animal farm. The Department of Health has found that those living within 150 metres of intensive pig farms "could be exposed to multi-drug resistant organisms" in the air that they breathe. Piles of animal manure left in pits regularly run into rivers, cause oxygen depletion and kill river life – 30 per cent of the nitrogen that pollutes water in the EU comes from livestock. The European lung foundation found that emissions from livestock farms cause asthma and COPD (chronic obstructive pulmonary disease) patients living nearby to experience more exacerbations. Living near a livestock farm in the UK, though not as dangerous as the US, is still a health risk.

And then there's the risk to farm workers themselves. The Government's introduction of cameras into slaughterhouses is in part due to the fact that so much cruelty has been recorded inside of them. Between 2009-2013, charity Animal Aid secretly filmed inside 13 UK slaughterhouses and found evidence of law-breaking animal welfare breaches in 12 of them. Their website shows undercover footage of animals being stamped on, slapped and burned with cigarettes, and workers hacking at the throats of conscious sheep. What leads people to act this way?

A few months into my veganism, I read an article by a man who went vegan for human rights. I began to read about the mental health effects of working in a slaughterhouse.

"You may look a hog in the eye that's walking around in the blood pit with you and think, 'God, that really isn't a bad looking animal.' You may want to pet it. Pigs down on the kill floor have come up to nuzzle me like a puppy. Two minutes later I had to kill them... I can't care." These are the words of a former slaughterhouse employee, in an interview for the book *Slaughterhouse: The Shocking Story of Greed, Neglect, and Inhumane Treatment Inside the US Meat Industry* by Gail A Eisnitz.



There are increasing cases of slaughterhouse workers being treated for PTSD, as well as workers' physical health being at high risk. One US study that took data from more than 500 counties between 1994 and 2002 found that when a slaughterhouse was introduced into a community, violent and sexual crime rates increased.

Is this really a surprise though, when workers are forced to kill hundreds of animals a day – to become desensitised to blood and death – that they suffer mental ill-health or sometimes even increasingly violent behaviour after? No human should have to do that job – and of course it falls predominantly on immigrants into communities, who are struggling to find work elsewhere – after all, who would chose to work in a slaughterhouse?

My grandparents might still be recovering from the confusion of me going vegan, but as a young couple fleeing war with nothing but the clothes on their back they could have easily ended up as slaughterhouse workers. It's time to abolish slaughterhouses – for the animals both farmed and affected by farming, for the planet and for people, particularly those who are most vulnerable.

### **HOLANDA inspecciona la carne de pollo por presencia de fipronil**

11 de agosto de 2017 Holanda procedió a analizar carne de pollo proveniente de criaderos donde se detectó la contaminación de huevos para buscar una eventual presencia de fipronil

Holanda procedió a analizar carne de pollo proveniente de criaderos donde se detectó la contaminación de huevos para buscar una eventual presencia de fipronil, molécula tóxica hallada en lotes de huevos distribuidos en varios países de Europa.

Decenas de millones de huevos están siendo retirados del mercado desde hace una semana en varios países europeos. La crisis sanitaria, detectada en un primer momento en Alemania y Bélgica, se extendió a Francia y a Reino Unido.

En Holanda, de donde provienen los huevos, las autoridades comenzaron a analizar carne de pollo para determinar si también está contaminada con este insecticida, muy corriente en los productos veterinarios contra las pulgas, los ácaros y las garrapatas, pero que está prohibido en el tratamiento de animales destinados a la cadena alimentaria, como las gallinas.

“Analizamos actualmente carne de pollo en los criaderos en donde se detectaron huevos contaminados”, indicó el martes a la AFP Tjitte Mastebroek, portavoz del organismo holandés a cargo de la seguridad alimentaria, NVWA.

Alemania, muy afectada por el escándalo sanitario, pidió el viernes a las autoridades belgas y holandesas que esclarezcan “rápidamente” la adulteración “criminal” de los huevos.

“Cuando vemos una energía criminal casi organizada en red, es inaceptable”, comentó el martes el ministro de Agricultura, Christian Schmidt en la prensa alemana el martes, criticando nuevamente la lentitud de las autoridades belgas y holandesas para comunicar sobre el caso.

La investigación penal iniciada por NVWA bajo la autoridad de la fiscalía holandesa, y en colaboración con la justicia belga, sobre el papel de las empresas y proveedores en la introducción del fipronil en los criaderos holandeses está en curso, indicó Tjitte Mastebroek.

En Francia “trece lotes de huevos contaminados provenientes de Holanda” fueron distribuidos entre empresas de transformación alimentaria ubicadas en el oeste del país, precisó el lunes el ministerio de Agricultura francés.

“La detección de los huevos contaminados era la prioridad. Tenemos ahora el tiempo y el lugar” para analizar “la carne”, continuó el portavoz de NVWA, subrayando que se trataba de una “medida de precaución”.

La probabilidad de que la molécula, nefasta para el consumo humano, sea detectada en la carne de pollo es pequeña, organización agrícola holandesa LTO.

“Los pollos no tienen ningún problema con el piojo rojo contrariamente a las gallinas ponedoras encerradas en un gallinero durante dos años, lo que permite al parásito desarrollarse”, explicó Eric Hubers, representante de los avicultores dentro de la LTO, citado en la prensa holandesa.

Los análisis se concentran en pollos de criaderos en donde también se producen huevos, lo que corresponde a “unas decenas” de granjas en el país, según NVWA y LTO.

“La mayoría de las granjas optan por una sola producción”, indicó Eric Hubers.

Si los análisis dan negativo, los criadores que tienen bloqueada la distribución de huevos, podrán volver a distribuir carne”, precisó Tjitte Mastebroek.

En caso de que se detecte fipronil, los criadores deberán sacrificar millones de animales contaminados.

Unas 180 granjas en Holanda están afectadas por esta contaminación.

En Austria, Polonia, Portugal, Bulgaria y Rumania las autoridades indicaron que procedían a analizar los huevos importados. En Suiza, los grandes distribuidores retiraron de la venta, de manera preventiva, los huevos importados provenientes de los países afectados.



### **REINO UNIDO: abre mercado filipino**

15 August 2017 UK - Filipinos can now enjoy British beef following a new export deal estimated to be worth £34 million.

New export deal will soon see British beef on dinner plates and menus across the Philippines.

The Department of International trade team at the British Embassy Manila provided significant support to Department of Environment, Food and Rural Affairs (DEFRA) to secure an export deal estimated to be worth £34 million to the UK economy.

British Ambassador-designate to the Philippines Daniel Pruce said: "I am delighted to see that British beef is coming back to the Philippines and look forward to serving this fantastic British product at the Residence and at other British Embassy events."

Beef reared in the UK will now join pork, poultry, lamb and dairy on the list of UK food and drink shipped to the Philippines.

Food Minister George Eustice said: "Securing market access for our world-class beef to the Philippines is a huge vote of confidence for a sector that already exports more than £350 million around the world, including Hong Kong and Canada.

"The UK beef industry is the envy of the world and this strong demand globally for our traditional breeds reared to the highest welfare standards is what drives our exports and creates opportunities for our farmers." TheCattleSite News Desk

### **BREXIT: entidad agropecuaria cuestiona posible acuerdo aduanero con IRLANDA**

16 August 2017 - IFA President Joe Healy has said the UK's insistence on leaving the customs union and pursuing an independent trade policy will amount to a hard Brexit and is potentially very negative for Irish agriculture and the value of Ireland's agri-food exports.

The IFA President was commenting on the UK Government's Position Paper on Future Customs Arrangements, published yesterday (15 August), which sets out options for future customs arrangements between the EU and UK.

Mr Healy said, "Ireland is the EU economy that will be the most impacted by a hard Brexit, and farming and agri-food will be the most impacted sector. Ireland's agri-food sector has a high dependence on the UK market, with 40 per cent of exports destined for the UK market annually.

"The UK Government has proposed two options – either the reinstatement of a 'highly streamlined customs arrangement', or a 'customs partnership' which they suggest would not require a customs border between the EU and UK.

"The first option would see the reinstatement of a customs border between the EU and UK. This is a very retrograde development for trade on the island of Ireland and between Ireland and Britain, after forty-five years of EEC/EU integration."

Mr Healy continued, "The second option, of a 'customs partnership' between the EU and UK is simply not an acceptable outcome for the agriculture and food sector, as even under this arrangement, the UK would still be committed to pursuing their own trade policy for imports into the UK.

"Any increase in low-cost food imports into the UK that would undermine the value of the UK market would have a devastating effect on the Irish agri-food sector. The potential displacement of Irish food exports from the UK market will in turn destabilise the EU market balance."

The IFA President concluded by saying that in order to safeguard the future value of the Irish and EU farming and food sector, the EU must negotiate a balanced Free Trade Agreement with the UK, which would include the following specific conditions for agriculture and food:

Tariff – free trade for agricultural products and food;

Maintenance of equivalent standards on food safety, animal health, welfare and the environment; and

Application of the Common External Tariff for agricultural and food imports to both the EU and UK.

TheCattleSite News Desk

### **ESTADOS UNIDOS**

#### **NAFTA: entidades agropecuarios apoyan su actualización**

17 August 2017 US, CANADA & MEXICO - The American Farm Bureau Federation (AFBF), The Canadian Federation of Agriculture (CFA) and Mexico's Consejo Nacional Agropecuario (CNA) yesterday sent a joint letter to Canadian, United States and Mexican government officials reiterating their calls that NAFTA renegotiations should aim to modernise the agreement, rather than dismantle it.

The AFBF, CFA, and CNA agree that agriculture represents one of NAFTA's biggest success stories. Agricultural reciprocal trade between the three countries has grown exponentially since the agreement was implemented more than 20 years ago.



CFA President Ron Bonnett, strong in his support of the agreement, says that "NAFTA has boosted the incomes of millions of farmers and has facilitated the development of profitable export markets."

In their discussions, the three Presidents agreed on the need to build on the original agreement's success by looking for ways to increase trade volumes.

"When it comes to overall positive results for North America's farmers and ranchers, NAFTA has proved itself as a solid foundation for trade. Just as farmers have new tools and technology for food and fiber production, we believe that an updated NAFTA agreement can help the three nations become even stronger trading partners," AFBF President Zippy Duvall said.

CNA President Bosco de la Vega, reflecting on the economic benefits of trade, said it is very clear, "The NAFTA agreement has had a positive impact for the agricultural sector, including the exponential increase in trade flows between its partners; currently NAFTA markets are characterised by high level of complementarity, the possibility to face the challenge of food security in a better way, an open trade system with clear and fair rules. Taking these into account, we believe that today the NAFTA members have a big opportunity to even increase this positive outcome."

All parties further commit to meeting with their governments to insist that NAFTA re-negotiations should be built on the principle of "doing no harm."

NAFTA discussions should seek:

Increased and improved regulatory alignment.

Improved flow of goods at border crossings.

Further alignment of sanitary and phytosanitary measures using a science-based approach.

Elimination of non-science based technical barriers to trade.

Revisions that reflect technological advances since implementation such as digital trade, etc.

Agriculture industries in each NAFTA country would greatly suffer from disruptions to trading relationships developed over the last 23 years. Farmers have increased productivity and improved their competitiveness to address the rapidly growing demand worldwide for healthy and sustainable food products. Losses due to NAFTA changes would severely stunt this progress.

AFBF, CFA and CNA are committed to working with their respective administrations to ensure that a modernised NAFTA continues to be a success story for all farmers.

TheCattleSite News Desk

### **USMEF: apuestan a mantener el libre acceso de las carnes dentro del NAFTA**

By USMEF August 16, 2017 Today, trade officials from the U.S., Mexico and Canada opened their first round of meetings aimed at renegotiating the North American Free Trade Agreement (NAFTA).

Thad Lively, U.S. Meat Export Federation (USMEF) senior vice president for trade access, explains that U.S. beef, pork and lamb currently enjoy full access to Mexico and Canada, at zero duty and with no significant product restrictions. It is essential that this level of access is preserved, because these countries account for 40% of U.S. pork exports, nearly 30% of U.S. beef exports and more than 80% of U.S. lamb exports (based on January-June 2017 volumes). Maintaining reciprocal duty-free access for agricultural goods is on the list of NAFTA objectives recently published by the Office of the U.S. Trade Representative (USTR).

While preserving full market access is the U.S. red meat industry's leading priority in the NAFTA negotiations, Lively notes that the agreement's sanitary and phytosanitary (SPS) chapter should be updated to reflect current scientific and technical standards. USMEF would also like to see NAFTA updated to accommodate e-commerce.

### **Acciones para recuperar terreno en el Mercado chino**

Bloomberg Aug 7, 2017 U.S. Secretary of Agriculture Sonny Perdue (center) ceremonially cuts into a Nebraska prime rib June 30 in Beijing, marking the return of U.S. beef to the Chinese market. Perdue is joined by Craig Uden (left), president of the National Cattlemen's Beef Association, and Luan Richeng (right), of state-owned Chinese importer COFCO. (Photo supplied by U.S. Department of Agriculture)

BEIJING — At the Sam's Club in Beijing's Shijingshan district, the chilled beef offered for sale is so dominated by Australian cuts — marbled rib eye steaks to fatty oxtail chunks — that many customers are oblivious to the few packs of U.S. meat also available.

"I haven't noticed the U.S. beef here," said Hui Xue, who was shopping for steaks that he cooks once a week. Even if he had spotted the product, it probably wouldn't have gone into his cart.

The American meat — back in China after nearly 14 years as part of a trade deal hailed by President Donald Trump and his administration — was available only in strips for stir-frying.

Viveca Zhang, another shopper, also bypassed the American supply. "I would like to try the U.S. beef, but there are only a few options to choose from," she said.

Their reticence emphasizes the barriers that U.S. beef faces on its re-entry into the world's second-biggest consumer after being barred in 2003 due to concerns over mad cow disease.



Iowa Premium from Tama became the first Iowa processor to be approved to ship to China. While the return prompted fanfare from the Trump administration and promises that shiploads of meat would start arriving at China's shores, producers may have to endure a long slog back into the market. That's because rivals from nations including Australia and Brazil rushed in to dominate sales when the Americans were shut out.

"Trade will grow gradually, but I don't think it will increase to the extent that would affect China's beef market, because of its limited supply," Chenjun Pan, an analyst at Rabobank International, said of the U.S. meat.

China, the world's largest pork producer and consumer, has seen beef demand climb as incomes increase, prompting people to spend on new and varied types of food. Imports are predicted to climb to 950,000 metric tons this year from 26,000 tons in 2003, according to the U.S. Department of Agriculture.

The amount of American supplies entering China currently is relatively small because "the U.S. produces beef differently from other countries like Australia and Brazil, which do not use some feed additives that are banned by the Chinese government," said Rabobank's Pan.

That sentiment is in contrast to the unbridled optimism expressed by U.S. officials and industry representatives at a June 30 ceremony in Beijing celebrating the return of U.S. beef.

"Beef is a big deal in China and I'm convinced that when the Chinese people get a taste of U.S. beef, they're going to want more of it," Sonny Perdue, Secretary of Agriculture, said while promoting the bilateral deal in Beijing. "These products coming into China are safe, wholesome and very delicious."

Trump even retweeted an article by The Gazette's James Q. Lynch last month to express his enthusiasm: "After 14 years, U.S. beef hits Chinese market."

But there won't be a "significant amount" of U.S. beef entering the Chinese market in the near term, according to Jake Parker, vice president at the U.S.-China Business Council in Beijing. The U.S. product still faces strict Chinese government rules, with the beef that qualifies being priced for the premium market, he said.

Out of 600,000 head of cattle slaughtered in the United States each week, only about 1,600 can meet Chinese specifications, said Zhifeng Cai, a manager at Womai.com, the online retail platform of China's state-owned food giant Cofco Corp., which first imported American beef into the country.

## **VARIOS**

### **JAPON: precios de carne suben por incremento del arancel**

16 August 2017 - Wholesale prices for US beef are climbing even higher in Japan, fed by the country's new additional tariff on American frozen beef as well as continued robust demand from restaurants.

Japan's emergency tariff took effect on 1 August, as the nation's quarterly import volume of US frozen beef increased in the April-June period by more than the 17 per cent threshold that triggers this safeguard mechanism.

According to Nikkei Asian Review, wholesale prices of American frozen short plate beef came to around 800 yen (\$7.24) per kilogram in mid-August, rising 3 per cent from July. Prices also were up 40 per cent on the year, riding strong demand from the restaurant industry in Japan and abroad.

US beef accounts for around 40 per cent of Japan's import market. Even cheaper varieties of Japanese beef cost almost double that of US imports, and they are not used in eateries serving low-cost meals such as beef bowls.

The higher tariffs have been largely ineffective in protecting Japan's livestock farmers, failing to push retailers and restaurateurs to buy more domestic beef. Edoichi, operator of restaurant chain Stamina-Taro, may source some of its barbecued beef from Australia and Mexico, while adding more pork and chicken. Supermarkets, meanwhile, are thinking about offering fewer discounts.

### **AUSTRALIA – carne porcina y pollo compensan la menor oferta de carne bovina**

15 August 2017 Growth in chicken and pork production over the past twelve months is a stark contrast to the fall in red meat production.

Supported by lower grain prices, pork production increased 5% year-on-year in 2016-17, to 397,000 tonnes cwt (still shy of the 420,000 cwt recorded in 2002-03). Chicken production increased 3% to a record 1.23 million tonnes cwt, marking the ninth consecutive year of back-to-back production growth.

Far more sensitive to seasonal conditions, Australian red meat (beef, sheepmeat and goatmeat) production declined for the second consecutive year, after peaking at an unprecedented 3.41 million tonnes cwt in 2014-15. With evidence of the sheep flock and cattle herd in rebuild phase, both species registered a contraction in production.

While still dominating the protein landscape, in 2016-17 red meat accounted for 63% of total Australian meat production – well below the 87% recorded during the height of herd liquidation in 1977-78.

In 2016-17:



Beef production declined 12% year-on-year, to 2.05 million tonnes cwt;  
Veal production was back 27%, at 20,100 tonnes cwt;  
Mutton production fell 17%, 163,000 tonnes cwt;  
Lamb was back just 2%, at 506,000 tonnes cwt;  
While goatmeat declined just 1%, to 33,000 tonnes cwt.

Looking ahead, red meat is expected to recover from the current trough. Beef and sheepmeat production in 2018 (calendar year) are both expected to increase 3% year-on-year.

### **NUEVA ZELANDA: crece su rodeo vacuno un 3 por ciento**

15 August 2017 Beef + Lamb New Zealand says that during the past year, New Zealand's beef cattle herd increased by 2.8 per cent – to 3.6 million head – while the decline in the sheep flock slowed sharply as sheep numbers recovered in key regions after drought and other challenges.

The annual stock number survey conducted by Beef + Lamb New Zealand's (B+LNZ) Economic Service highlights the continued growth in beef production, as farmers move towards livestock that are less labour-intensive and currently more profitable.

The largest contributor to the increase in the number of beef cattle was a five per cent lift in weaner cattle numbers, reflecting the high cost of buying older cattle as replacements, and good grass availability.

Meanwhile, the size of New Zealand's beef breeding cow herd did not change, B+LNZ Economic Service Chief Economist Andrew Burt says. TheCattleSite News Desk

## **EMPRESARIAS**

### **Paraguay Frigorífico podría exportar hamburguesas desde fin de año**

11 de agosto de 2017: El gerente del frigorífico Guaraní, Juan Carlos Pettengill, anunció que desde finales de este año podrían exportar hamburguesas a Chile, Uruguay y Perú. Esperan la finalización de los procesos sanitarios para Paraguay : El gerente del frigorífico Guaraní, Juan Carlos Pettengill, anunció que desde finales de este año podrían exportar hamburguesas a Chile, Uruguay y Perú. Esperan la finalización de los procesos sanitarios para empezar con los envíos.

“Nuestro producto es reconocido, antes de fin de año esperan la apertura del mercado uruguayo, chileno y peruano. Estamos en los procesos sanitarios requeridos que permitirían la exportación a estos países”, dijo el gerente de la firma.

Destacó que el mercado cárnico actualmente existe mucha competencia, pero que permite elevar el nivel de la industria de la carne paraguaya en el mundo.

Mano de obra calificada

Explicó que otras empresas del rubro, que tienen filiales en Paraguay, Argentina y otros países, siempre destacan la mano de obra paraguaya por su eficiencia, inocuidad y su calidad.

“Hay un gran trabajo y esfuerzo de las industrias frigoríficas en la economía paraguaya. Hay mucha gente trabajando llevando el pan de cada día a sus casas, mejorando sus vidas”, agregó.

El gerente señaló también que actualmente son unas cinco industrias las que figuran entre los más grandes empleadores del país. El frigorífico Guaraní cuenta con más de 1.000 funcionarios.

La firma fue electa como una de las mayores empleadoras del país. Tiene 27 años en el mercado y proveedora de las principales empresas de comidas rápidas en Paraguay.

### **JBS carrera por recaudar tras el escándalo político**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Agosto 12, 2017 J&F Invetimentos ya vendió empresas que controla para obtener fondos

J&F Invetimentos, que controla el grupo frigorífico JBS, sigue firme en la venta de activos para hacer frente a sus obligaciones y cumplir con el pago de una multa con el Ministerio Público Federal por su participación en casos de corrupción en Brasil.

Esta semana el foco estuvo en la operación de venta de la planta de producción de celulosa Eldorado luego que no se llegara a un acuerdo con Arauco, controlado por la chilena Copec, y accionista en Uruguay de Montes del Planta.

El grupo chileno había acordado una negociación en exclusiva con J&F que finalmente no llegó a un acuerdo sobre el precio. Es así que se abre la posibilidad para que entren a pujar la brasileña Fibria –el mayor productor mundial de celulosa de eucalipto-, el grupo indonesio Abril y otra compañía asiática, según indicó Reuters.

Fibria ya adelantó su interés en la compra de Eldorado debido al significativo potencial de reducción de costos y sinergias. Sin embargo, una eventual operación podrá enfrentar restricciones del Consejo Administrativo de Defensa Económica.





En mayo fuentes consultadas por Reuters estimaron el valor de Eldorado, incluyendo caja, deudas y acciones de socios minoritarios, en poco más de R\$ 10.000 millones (unos US\$ 3.174 millones. La deuda se ubica en torno a R\$ 8.000 millones (US\$ 2.500 millones).

Otras ventas

Hasta ahora J&F ya recaudó R\$ 10.400 millones (US\$ 3.333 millones) con la venta de activos. El negocio de las plantas frigoríficas de JBS en Argentina, Paraguay y Uruguay a su rival Minerva fue cerrada en un valor de US\$ 300 millones.

El lunes 31 de julio, JBS comunicó que el precio final está sujeto "a un ajuste en valor equivalente a la diferencia entre el capital circulante líquido y el endeudamiento de largo plazo de las sociedades a la fecha del cierre, en un plazo de hasta 30 días".

El grupo también cerró un acuerdo de reperfilamiento de deudas con sus principales acreedores financieros con un plazo de 12 meses de gracia y el mantenimiento de líneas de crédito del orden de R\$ 20.500 millones (US\$ 6.550 millones).

Dentro del conglomerado bajo el control de J&F solamente se preservará a JBS y la entidad financiera Banco Original. El grupo ya vendió Alpargatas por un valor de R\$ 3.500 millones (US\$ 1.121 millones) a dos fondos –uno de ellos del grupo Itaú- y cerró un acuerdo con la gigante mexicana Lala por la empresa láctea Vigor por un total de R\$ 5.800 millones (US\$ 2.735 millones).

Se espera, además, recaudar alrededor de R\$ 1.000 millones (US\$ 320 millones) por las líneas de transmisión de energía del grupo Ámbar a la compañía canadiense Brookfield.

Por último, resta por vender los activos de la empresa fabricante de productos de higiene y limpieza Flora. Según Valor Económico, en este caso se venderían por separada las distintas marcas de la empresa para facilitar el negocio y agilizar el cierre de las operaciones.

### **BRF lanza una nueva marca**

14/08/17 - por Equipe BeefPoint Com o fim das restrições do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) às marcas da Perdigão, a BRF, que também é dona da Sadia, vai lançar uma terceira marca no mercado.

O nome desta nova marca ainda não foi divulgado. No entanto, os executivos revelaram que ela deve atuar em um segmento em que a BRF não está presente atualmente e que compõe mais de 30% do mercado brasileiro de alimentos processados. A BRF espera iniciar a atuação no primeiro trimestre de 2018.

Os executivos negaram que vá haver canibalismo entre as marcas da empresa e que esta terceira contará com uma rede de distribuição independente, sem entrar no mesmo esquema dos atuais 176 mil pontos de venda de Perdigão e Sadia

Fonte: O Estado de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **JBS BNDESPar accionará contra los hermanos Batista**

15/08/17 - por Equipe BeefPoint Na assembleia de acionistas da JBS, em 1o de setembro, a BNDESPar, detentora de 21,3% do capital da companhia, defenderá que a própria empresa processe seus controladores, os irmãos Joesley e Wesley Batista, pelos prejuízos causados a seu patrimônio em razão dos atos ilícitos confessados no âmbito dos acordos de colaboração premiada e de leniência celebrados com o Ministério Público Federal.

Além dos controladores, o braço de participações do BNDES também entende que a JBS deve processar os ex-administradores Florisvaldo Caetano de Oliveira e Francisco de Assis e Silva, que também fizeram delações.

A BNDESPar ainda vai sugerir a contratação de auditoria externa para quantificar os danos sofridos pela companhia e a identificação de outros eventuais responsáveis pelos prejuízos.

A decisão foi tomada ontem à noite pela diretora da área de mercado de capitais do BNDES, Eliane Lustosa, e as informações foram publicadas no site do banco de fomento. Nos acordos de delação, os irmãos Batista admitiram ter pago R\$ 1,1 bilhão em subornos a políticos.

Caso a proposta de abertura de processo seja aprovada, os administradores ainda em exercício – Wesley Batista – terão que se afastar do cargo.

Fonte: Valor Económico, adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **Frigoríficos brasileños con resultados económicos negativos en el segundo trimestre del año**

17 de agosto de 2017 JBS, Marfrig y Minerva presentaron los resultados económicos del segundo trimestre del 2017.

El EBIDTA (beneficio antes de intereses, impuestos, depreciaciones y amortizaciones) fue positivo para las tres empresas: 9%, 9,1% y 10,7% para JBS, Marfrig y Minerva respectivamente.

La multinacional JBS fue la única que a pesar de su año turbulento presentó ganancias líquidas.



Registrou um benefício neto de R\$ 309,8 milhões (aproximadamente U\$S 97,1 milhões) em el segundo trimestre de 2017, un 79,8% menos que en el mismo período del año anterior cuando el resultado totalizó R\$ 1,5 billones (U\$S 482 mil millones aproximadamente), impulsado principalmente por la variación cambiaria.

Tanto Marfrig como Minerva presentaron resultados netos negativos.

En el segundo trimestre Marfrig registró una pérdida neta de R\$ 157 millones de reales (U\$S 49,2 millones aproximadamente) aunque con una mejora del 22% en relación al mismo período de 2016.

Minerva Foods reportó una pérdida neta de R\$ 55,6 millones (U\$S 17.5 millones aproximadamente) en el segundo trimestre de 2017, revertiendo un beneficio neto de R\$ 89 millones (U\$S 28 millones aproximadamente) en igual período de 2016. El grupo atribuyó buena parte del deterior a la variación del tipo de cambio.

Minerva tem prejuízo de R\$ 55,6 milhões no 2º trimestre

15/08/17 - por Equipe BeefPoint A Minerva Foods reportou prejuízo líquido de R\$ 55,6 milhões no segundo trimestre de 2017, revertendo um lucro líquido de R\$ 89 milhões em igual período de 2016, principalmente devido à variação cambial no período.

Segundo os executivos da empresa, a oscilação do dólar ante o real gerou uma despesa financeira de R\$ 140 milhões.

Apesar do resultado negativo, o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) somou R\$ 277,3 milhões entre maio e julho, um aumento de 16,2% ante igual trimestre do ano anterior e recorde para um segundo trimestre do ano. A margem Ebitda passou de 10,7% para 10,8%, na mesma base de comparação.

A receita líquida, por sua vez, ficou em R\$ 2,579 bilhões no segundo trimestre, com alta de 16,1% em relação a igual período do ano anterior, quando totalizou R\$ 2,221 bilhões. Ante o primeiro trimestre de 2017, quando a receita líquida foi de R\$ 2,141 bilhões, houve alta de 20,4%. A empresa reafirmou um guidance de receita de R\$ 13 bilhões a R\$ 14,4 bilhões para os próximos 12 meses, de julho de 2017 a junho de 2018.

Já a receita bruta de abril a junho foi de R\$ 2,767 bilhões, 17,1% acima do apurado no segundo trimestre de 2016 e também recorde para o período.

A alavancagem representada pela relação entre dívida líquida/Ebitda da Minerva Foods subiu de 3,8 vezes no primeiro trimestre de 2017 para 4,1 vezes no segundo trimestre. Segundo Edison Ticle, diretor financeiro da Minerva, o resultado é uma combinação das variações cambial e de aumento do uso de capital de giro.

A empresa aumentou o volume de aquisição de gado e teve despesas com reativação de unidade, o que gerou uma variação de R\$ 280 milhões de capital de giro.

A dívida líquida ao final de julho totalizava R\$ 3,9 bilhões (cerca de 75% indexada em moeda estrangeira), ante R\$ 3,540 bilhões no primeiro trimestre.

Fonte: Estadão, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Marfrig divulga resultado trimestral e prepara-se para um novo ciclo

15/08/17 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods acaba de apresentar à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) seu resultado relativo ao segundo trimestre de 2017.

No período, as receitas líquidas da empresa – formada pelas divisões de negócios Beef e Keystone – totalizaram R\$ 4,3 bilhões, uma queda de 8% em relação ao mesmo período de 2016, provocada sobretudo pela apreciação do real de 9% em relação ao dólar.

Na condição de empresa internacionalizada, a Marfrig Global Foods tem 79% de suas receitas em moeda estrangeira.

O EBITDA (lucro antes de juros, impostos, amortizações e depreciações) ajustado atingiu 391 milhões de reais, com margem de 9,1%.

O prejuízo líquido no segundo trimestre do ano foi de 157 milhões de reais – uma melhora de 44 milhões de reais em relação ao mesmo período de 2016.

Expansão

Em julho, duas unidades frigoríficas da divisão Beef, instaladas nos estados de Mato Grosso (Nova Xavantina) e Goiás (Pirenópolis) foram reabertas e outras quatro unidades expandiram linhas de produção. Esse crescimento resultará em aumento de 25% na capacidade produtiva brasileira no próximo trimestre.

A Companhia reabrirá três unidades frigoríficas localizadas nos estados de Rondônia (Ji-Paraná), Mato Grosso do Sul (Paranaíba) e Rio Grande do Sul (Alegrete). Com a implementação dessas reaberturas estima-se que a operação brasileira da divisão Beef eleve a capacidade de abate em cerca de 20% no 4º trimestre, atingindo cerca de 300 mil cabeças/mês.



Somadas as reaberturas das cinco unidades frigoríficas e a expansão da linha de produção, serão criados cerca de 4.500 empregos diretos.

Esse movimento de expansão foi resultado, entre outros fatores, da maior oferta de bovinos para abate no Brasil, provocada, sobretudo, pelas características cíclicas desse mercado e pelo cenário macroeconômico.

Entre abril e junho de 2017, a divisão Beef da Marfrig Global Foods registrou margem EBITDA de 8,2%, melhora de 150pbs em relação ao 1º trimestre do ano e apresentou EBITDA ajustado de R\$ 170 milhões, alta de 23%.

Na comparação com o mesmo período do ano anterior, a margem EBITDA foi estável e o EBITDA ajustado apresentou queda de 11% influenciado pela apreciação de 9% do real e pelo menor volume de vendas.

#### Keystone

Mais uma vez, a divisão Keystone apresentou excelente resultado. No segundo trimestre deste ano, a divisão atingiu o maior EBITDA ajustado de sua história: 69 milhões de dólares, com margem de 9,8%. A receita da divisão no período subiu 4%, chegando a 697 milhões de dólares – ou 2,2 bilhões de reais. O crescimento em volume foi de 2%.

O desempenho consistente da Keystone é explicado, entre outros fatores, pelo foco na produção e na venda de produtos de alto valor agregado, processados à base de frango, principalmente, e pelo crescimento contínuo da demanda doméstica e de exportações em suas unidades localizadas na região da Ásia-Pacífico.

A fim de apoiar o crescimento, cerca de 65% dos investimentos realizados pela Marfrig Global Foods no segundo trimestre de 2017 – um total 162 milhões de reais – foram usados para aumentar a capacidade de produção e a eficiência de unidades da Keystone instaladas em países como Tailândia e Malásia.

Em maio, a Keystone apresentou à Security Exchange Commission (SEC), órgão regulador do mercado de capitais americano, o pedido de registro para sua oferta pública inicial de ações (IPO) e segue trabalhando na atualização da documentação necessária para finalização do processo.

#### Financeiro

Ao final do segundo trimestre deste ano, a dívida bruta da Marfrig Global Foods era de 3,7 bilhões de dólares – 55 milhões de dólares inferior ao valor registrado no trimestre anterior. O prazo médio do endividamento foi de 4,4 anos e apenas 15% do total tinham vencimento no curto prazo.

A alavancagem, medida pela relação dívida líquida e EBITDA ajustado – foi de 4.17x – considerando o EBITDA ajustado do 2T17 anualizado e o câmbio médio de R\$ 3,21/US\$. Entre o primeiro e o segundo trimestre de 2017, o custo médio anual da dívida da Marfrig Global Foods caiu de 7% para 6,5% — resultado, entre outras ações, do resgate integral do saldo de 204 milhões de dólares de bonds com vencimento em 2024 e da utilização de linhas de crédito mais competitivas.

Fonte: Marfrig, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

#### Lucro líquido da JBS tem queda de 79,8% no 2º trimestre

15/08/17 - por Equipe BeefPoint A JBS reportou lucro líquido de R\$ 309,8 milhões no segundo trimestre de 2017, 79,8% a menos que no mesmo período do ano anterior, quando o resultado totalizou R\$ 1,536 bilhão, impulsionado principalmente pela variação cambial.

O Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) ajustado da JBS entre abril e junho foi de R\$ 3,757 bilhões, com aumento de 29,9% ante o segundo trimestre de 2016 (R\$ 2,892 bilhões). A margem Ebitda ficou em 9%, frente a 6,6% em igual intervalo do ano passado. As operações internacionais impulsionaram esse crescimento, principalmente as nos Estados Unidos.

A receita líquida alcançou R\$ 41,674 bilhões, uma queda de 4,6% no comparativo anual, ante R\$ 43,671 bilhões, em função da redução da receita da Seara e da JBS Mercosul em 6,1% e 14,2%, respectivamente. A empresa citou também como um dos motivos para a queda da receita a valorização do real, que passou de R\$ 3,51 no segundo trimestre de 2016 para R\$ 3,21 no segundo trimestre deste ano.

No segundo trimestre de 2017, cerca de 73% das vendas globais da JBS foram realizadas nos mercados domésticos em que a companhia atua e 27% vieram de exportações, segundo a empresa.

As operações internacionais da JBS também trouxeram bons resultados. A Pilgrim's Pride, controlada pela JBS com atuação nos Estados Unidos, aumentou seu lucro líquido em 53% no período. As vendas da JBS nos EUA representam cerca de 50% do total da empresa, enquanto o Brasil (incluindo as exportações) responde por 25%.

A JBS encerrou o segundo trimestre com uma dívida líquida de R\$ 50,375 bilhões, ante R\$ 47,806 bilhões no primeiro trimestre do ano. A alavancagem ficou em 4,16 vezes, ao final de junho, ante o registrado no primeiro trimestre deste ano de 4,23 vezes. A porcentagem da dívida de curto prazo em relação à dívida total ficou em 30% no período, dos quais 72% são linhas lastreadas às exportações das unidades brasileiras.



Fonte: JBS, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **Marfrig apuesta por mejora en Brasil y reabre tres plantas**

17 de agosto de 2017. Luego de anunciar los resultados del segundo trimestre el grupo brasileño Marfrig adelantó que reabrirá tres plantas “en función del ciclo positivo bovino” en Brasil. Las unidades se ubican en los estados de Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul y Rondônia. La expectativa es que estas unidades entren en operaciones antes del final del tercer trimestre. Una vez que están operativas estas plantas la capacidad de faena de Marfrig en Brasil se ubicará en cerca de 300.000 cabezas.

El CEO de Marfrig, Martín Secco, dijo que espera una mejora en el margen de rentabilidad de la división Beef en el tercer trimestre apoyado por la reapertura de las plantas y una oferta todavía positiva de ganado.

En el segundo trimestre el margen de ganancias antes del pago de intereses, impuestos, amortización y depreciación fue de 8,2%. Para el período julio-setiembre se espera que el margen se ubique entre 8% y 10%.

### **JBS pronostica incremento en el mercado estadounidense hasta 2020**

16/08/17 - por Equipe BeefPoint. À frente da JBS USA, divisão que representa 70% das vendas do grupo brasileiro, André Nogueira prevê ventos favoráveis até 2020. Isso porque o crescimento da oferta de boi gordo nos EUA tende a impulsionar a produção de carne bovina da empresa, o que deverá engordar sua geração de caixa e acelerar a redução do endividamento.

No segundo trimestre deste ano, a JBS USA registrou receita líquida de US\$ 9,3 bilhões – equivalente a R\$ 30,8 bilhões, considerando a cotação do dólar no fim de junho – 8% mais que no mesmo intervalo de 2016 (US\$ 8,6 bilhões). No primeiro semestre, o crescimento observado foi de 7%, para US\$ 17,6 bilhões. Sozinho, o negócio de carne bovina comandado por Nogueira normalmente responde por 25% do lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda). Em momento de dificuldade no Brasil como o atual alcança quase 30%.

Mesmo na Austrália, onde a produção de carne bovina caiu 10% no primeiro semestre, já é possível notar uma recuperação, disse o presidente da JBS USA. Mas o cenário se inverteu e, nas últimas semanas, o nível de produção cresceu na comparação anual. Com isso, a expectativa é que a Austrália, que está entre os maiores exportadores de carne bovina do mundo, atrás de Brasil e EUA, feche o ano com uma produção estável ou em uma ligeira queda de 2%.

A partir do ano que vem, a Austrália contribuirá com os resultados da JBS mais decisivamente. De acordo com o executivo, a rentabilidade do negócio de carne bovina na Austrália é estruturalmente mais alta que nos EUA, o que não está acontecendo agora devido à restrição de gado bovino no país. “Mas ano que vem equipara e em 2019 volta a ficar acima.”

A melhora de oferta de gado na Austrália no médio prazo só tem aspectos positivos. De acordo com ele, o crescimento da demanda na Ásia faz com que a competição entre EUA e Austrália nas exportações seja menor.

De certa forma, isso já pode ser visto neste ano. Com a maior oferta de boi, as exportações americanas de carne bovina ao Japão aumentaram 25%, mas os australianos não reduziram as vendas. “Isso é o crescimento da demanda doméstica [do Japão] e reposição da produção”, disse, citando a queda da produção do Japão.

Por outro lado, Nogueira reconheceu que a combinação entre a maior oferta nos EUA e a menor na Austrália fez os frigoríficos do país da Oceania reduzirem os embarques aos EUA. Os australianos também perderam espaço na China, mas nesse caso para os brasileiros. De modo geral, porém, há demanda para todo os exportadores, disse.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **Marfrig admitió haber pagado para la liberación de un préstamo**

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 18/08/17 O empresário Marcos Molina, fundador e presidente do conselho de administração da Marfrig Global Foods, afirmou em depoimento à Polícia Federal (PF) que a Marfrig obteve a liberação de um empréstimo R\$ 350 milhões junto à Caixa Econômica Federal após realizar pagamentos ao operador Lúcio Funaro.

“O declarante tinha receio que Lúcio pudesse atralhar os negócios, em andamento, da sua empresa dentro da CEF, e, por isso, efetuou um pagamento de R\$ 500 mil para Lúcio, através da empresa Viscaya no dia 01/08/2012”, informou o empresário no depoimento revelado pela publicação.

A suspeita é que Funaro, que negocia um acordo de delação premiada com a Procuradoria-Geral da República, atuava em dobradinha com o ex- ministro Geddel Vieira Lima. À frente da vice-presidência de pessoa jurídica da Caixa entre 2011 e 2013, Geddel tinha o poder para segurar a liberação de empréstimos do banco.



Molina disse em depoimento que pagou R\$ 617 mil à Viscaya, empresa de Funaro. No dia seguinte a um depósito de R\$ 500 mil para Funaro, a Caixa liberou R\$ 50 milhões à empresa de carnes.

Os pagamentos da Marfrig a Funaro já eram conhecidos desde 13 de janeiro, quando a Polícia Federal deflagrou a Operação Cui Bono, que investiga um esquema de fraudes na liberação de créditos no banco estatal.

A J&F Investimentos também foi citada na Cui Bono. Em delação premiada fechada em maio, o empresário Joesley Batista, um dos donos da J&F Investimentos, admitiu pagamentos a Funaro para obter recursos na Caixa.

A Marfrig disse “que desde janeiro deste ano está contribuindo com o esclarecimento dos fatos e prestando os esclarecimentos necessários as autoridades. Nesse contexto, está o depoimento de Marcos Molina. Ressaltamos que os empréstimos em questão foram concedidos a taxas de mercado, com a exigência de garantias e estão integralmente quitados”.